



Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica

ISSN: 1516-1498

revistaagoraufrrj@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Brasil

Gomes Silveira, Débora Maria; Resende Vorcaro, Ângela Maria

DA VERNEINUNG AO TRAÇO UNÁRIO

Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, vol. XIX, núm. 3, septiembre-diciembre, 2016,  
pp. 499-514

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=376547462009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# DA *VERNEINUNG* AO TRAÇO UNÁRIO

Débora Maria Gomes Silveira e Ângela Maria Resende Vorcaro

Débora Maria Gomes  
Silveira

Universidade  
Federal de Minas  
Gerais (UFMG),  
Departamento de  
Psicologia, Belo  
Horizonte/MG,  
Brasil.

Ângela Maria Resende  
Vorcaro

Universidade  
Federal de Minas  
Gerais (UFMG),  
Departamento de  
Psicologia, Belo  
Horizonte/MG,  
Brasil.

**RESUMO:** Parte-se da interrogação sobre o percurso lacaniano que leva à postulação do *sujeito como representado entre significantes*. Inicia-se pelo estudo das *identificações* e percorrem-se textos da obra psicanalítica que apontam a função constitutiva da falta. Tal percurso conduziu à abordagem das relações entre a *negação* e a constituição do sujeito. Partindo do *Seminário da identificação* (LACAN, 1961-62), retorna-se às considerações freudianas sobre a *Verneinung* (1925) e se pode considerar que a noção de existência pressupõe a ausência e, portanto, articula-se à noção de sujeito como -1 implicada na formulação lacaniana sobre o traço unário.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Freud e Lacan, sujeito, negação, traço unário.

**ABSTRACT:** From *Verneinung* to the unary trait. This paper is based on Jacques Lacan's postulation of the *subject as represented between signifiers*. We start off with a study on identifications and examine texts from the psychoanalytic literature referring to the constitutive function of lack. This leads us to relate *negation* to the constitution of the subject. Lacan's Seminar IX, on identification (1961-62), then to Freud's article on *Verneinung* (1925). We then theorize that the notion of existence presupposes absence and is therefore connected to the notion of *subject as -1* implicated in Lacan's formulation on the unary trait.

**Keywords:** Psychoanalysis, Freud and Lacan, subject, negation, unary trait.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016003009>

Ao longo do *Seminário da Identificação* (1961-62, inédito), Lacan aborda a negação e suas relações com a identificação primordial a propósito da constituição do sujeito a partir do traço unário. A negação foi tratada por Freud em seu texto de 1925 — *A negativa* — que adota a concepção de que representações recalçadas podem ser acessadas conscientemente contanto que sejam enunciadas sob a forma negativa (FREUD, 2007/1925/). Como o próprio autor observa, ainda que tais representações possam ser acessadas, os efeitos do recalque permanecem, indicando que o conhecimento do recalcado pela via da negação implica outras questões envolvidas.

A abordagem lacaniana da negação neste *Seminário*, por sua vez, faz referência tanto à lógica presente na linguística, na estruturação da frase, quanto à correspondente ao sistema formal de proposições categorizado por Aristóteles segundo as possibilidades afirmativa e negativa contidas na apresentação das proposições universal e particular. Lacan propõe confrontar os tempos da privação, da frustração e da castração com o suporte significante da negação, considerando a constituição do sujeito a partir da noção de superfície não orientada que coloca em evidência o paradoxo do dentro/fora. As figuras topológicas a que Lacan recorre evidenciam sua proposta de exposição dos tempos e eventos de diferenciação do sujeito em relação à alteridade radical.

Neste artigo apresentamos pontos das elaborações lacanianas presentes no *Seminário da Identificação* acerca das relações entre o traço unário e a dialética da *Verneinung*. Para tanto, retornamos às hipóteses constitutivas freudianas de forma a considerar a sequência do pensamento que permite a Lacan introduzir a questão da negação em sua abordagem da identificação primordial do sujeito a partir do traço unário.

## **A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO SEGUNDO AS OPERAÇÕES DE AFIRMAÇÃO/EXPULSÃO PRIMORDIAIS**

Ao considerar a função do enunciado negativo presente no discurso de seus analisantes, Freud afirmou que a “negativa [*Verneinung*] é uma maneira de tomar conhecimento do recalcado em um plano apenas intelectual. O que está em jogo, nesse caso, é só uma suspensão do recalque, naturalmente ainda não sua plena aceitação” (FREUD, 2007/1925, p.147-148). Por meio dessa observação, Freud indica que há algo de significativamente mais complexo na análise de uma representação inconsciente enunciada sob a forma de uma negação. Trata-se de um acesso intelectual às representações inconscientes, o que determina que os efeitos do recalque permaneçam inalterados na medida em que não há reunião entre a ideia expressa pela fala e o afeto a ela correspondente. Uma vez que o recalque tenha operado sobre a ideia, o desligamento entre esta e o afeto sustentam, de

modo permanente, portanto, o rechaço daquela representação [Vorstellung]. Freud observa, assim, que a ideia recalcada pode vir a ser conhecida conscientemente ao ser desconhecida, mas que este acesso não altera os efeitos do recalcado na determinação do funcionamento psíquico do sujeito.

Partindo dessa observação, o autor considera a função judicativa exercida segundo a atividade intelectual do pensamento. O ato de afirmar ou negar é tributário da possibilidade de *pensar*, o que decorre da função psíquica de julgamento que, por sua vez, é definida por duas espécies de decisões: “A função de emitir juízos se refere basicamente a (...) decidir se alguma coisa [Ding] possui ou não uma certa característica e confirmar ou refutar se a representação [Vorstellung] psíquica dessa coisa tem existência real” (idem, p.148). Dois tempos são destacados: primeiramente, é preciso que se estabeleça uma separação suficiente entre o organismo e o meio através do julgamento do que é bom e, portanto, pertence ao Eu e, em contrapartida, do que é mau e constitui o não-Eu, isto é, define-se por estar externo ao Eu. Freud afirma: “Conforme podemos notar, é novamente uma questão de *dentro e fora*” (idem, p.149, grifo nosso). O primeiro tempo consiste, desse modo, no juízo de atribuição. Em um segundo tempo, o juízo de existência visa a decidir a respeito da realidade de algo cuja representação já está presente no psiquismo.

Trata-se de uma operação de identificação entre uma percepção e uma representação, o que já fora tratado no *Projeto de Psicologia* (1895), sob os termos de que “meta e término de todos los procesos de pensar es, entonces, producir un estado de identidad, el traslado de una Qη [sic] de investidura procedente de afuera a una neurona investida desde el yo” (FREUD, 2007/1950 [1895], p.378, grifo nosso).<sup>1</sup> O juízo de realidade, aqui, consiste na conclusão do objetivo da atividade de pensamento.

Cerca de 30 anos mais tarde, no texto sobre *A negativa* (1925), Freud amplia a noção de estado de identidade ao apontar que, a partir do teste de realidade, não se trata apenas de encontrar uma identificação entre o objeto da percepção e a representação a ela correspondente, mas certificar-se de reencontrar o objeto primordial do complexo perceptivo. Assim, na medida em que uma representação advém como possibilidade de reprodução de uma percepção anterior sem que o objeto permaneça presente, o teste de realidade somente se estabelece com a condição de que “(...) objetos, que outrora trouxeram satisfação, já [tenham] sido perdidos” (FREUD, 2007/1925, p.149). Não somente a função representativa instaura-se a partir da perda do objeto, como vimos, mas também o próprio juízo de realidade. Assim, o juízo de atribuição e o juízo de existência estão diretamente intrincados.

<sup>1</sup> Vale destacar que a opção pela citação em espanhol justifica-se por sua tradução ser, hoje, reconhecida pela comunidade analítica e acadêmica como uma das mais fiéis ao texto alemão original de Freud.

O mecanismo pelo qual Freud esclarece o processo de diferenciação entre o organismo e o meio é abordado em suas *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, de 1911, retomado em 1915 em *Pulsões e destinos da pulsão* e, posteriormente, em 1925 no trabalho sobre *A negativa*. Orientado pelo princípio de prazer, o organismo humano neonato possuiria uma instância primitiva do Eu denominada “Eu-prazer”, cujo interesse exclusivo seria empenhar-se na obtenção de prazer (FREUD, 2004/1911). Desse modo, assim como os princípios de inércia e constância tratados no *Projeto* (1895) descrevem um aparelho psíquico cujo objetivo é o escoamento de todo acúmulo de tensão possível, sendo o processo de descarga associado ao prazer, o princípio de prazer define-se pela mesma lógica e sustenta a hipótese freudiana do Eu-prazer original. Em 1911, Freud descreve um Eu-prazer e um Eu-real que atuam em consonância e em favor dos interesses de cada um, quais sejam, a obtenção de prazer e a conservação do organismo, respectivamente.

Em 1915, ao discorrer sobre as pulsões e seus destinos, Freud retoma princípios tratados em seu *Projeto* (1895), não mais com uma terminologia física, mas psicológica. Uma primeira diferenciação entre interno e externo seria possível a partir da impossibilidade de o organismo eliminar, sozinho, certo acúmulo de tensão que o pressiona e provoca desprazer. A constância dessa tensão eliminável somente com a intervenção de uma *ação específica* atua como ponto de referência para a diferenciação dos estímulos que chegam ao organismo — os exógenos, elimináveis por meio de uma ação muscular simples e aqueles endógenos, então nomeados por “necessidades pulsionais [Triebbedürfnisse]” (FREUD, 2004/1915, p.147) e elimináveis somente através de alterações específicas no mundo externo. Essa diferenciação impõe-se desde um tempo radicalmente primordial, portanto. Aqui, contudo, há algumas nuances em relação à ideia do Eu-prazer como anterior ao Eu-real abordada em 1911. Ao tratar essa instância primitiva do Eu como autoerótica, Freud considera como inicialmente prescindível uma diferenciação do que é interno ou externo para o provimento de prazer. Tão logo as moções pulsionais são percebidas como desprazerosas, a satisfação não mais é atingida somente por meio da atividade autoerótica e o organismo é impulsionado ao seu encontro através dos objetos externos. A diferenciação entre interno e externo se complexifica tornando a constituição do Eu cada vez mais consistente.

“Na medida em que os objetos externos oferecidos sejam fontes de prazer, eles são recolhidos pelo Eu, que os introjeta em si (de acordo com a expressão de Ferenczi [1909]), e, inversamente, tudo aquilo que em seu próprio interior seja motivo de desprazer o Eu expelle de si. Assim, desse Eu-real inicial, que pôde diferenciar o interno do externo a partir de marcas distintivas objetivas, deriva-se agora um Eu-prazer purificado, que coloca a característica de prazer acima de qualquer outra. O mundo externo é decomposto agora em uma parcela prazerosa, que ele incorpora

em si, e em um resto que lhe parece estranho [fremd]. De seu próprio Eu ele extraiu uma parte que expeliu para o mundo externo e que passa a sentir como hostil.” (FREUD, 2004/1915, p.158-159, grifo nosso).

Freud afirma serem as pulsões de autoconservação, portanto, as responsáveis pela primeira operação de introjeção dos objetos do mundo externo pelo Eu. A relação Eu-objeto é, desde o princípio, ambivalente, uma vez que o mesmo objeto estranho ao Eu pode ser fonte de prazer e, desse modo, incorporado como pertencente ao Eu (FREUD, 2004/1915). Pouco mais tarde, em seu texto sobre *A negativa* (1925), Freud sustenta a hipótese de que “inicialmente, para o Eu-prazer não há diferença entre o mal, o que é estranho [fremd] ao Eu e tudo aquilo que se situa fora do Eu. As três categorias são idênticas” (FREUD, 2007/1925, p.148), e a questão ainda será retomada em seu trabalho sobre o *Mal-estar na cultura* (1930).

A função judicativa orienta-se fundamentalmente, portanto, pelo princípio de prazer ao decidir pela integração ou pela expulsão de coisas do Eu e, assim, estabelecer uma diferenciação entre dentro e fora, um Eu e um não-Eu. A oposição entre as possibilidades de julgamento é associada por Freud à dualidade pulsional, sendo a afirmação [Bejahung] ligada às pulsões de vida e a negativa, sucessora da expulsão [Ausstossung], relacionada às pulsões destrutivas.

Rabinovitch (2001) afirma que “o fato de que a afirmação primordial não ocorra sem negação implica a existência de uma negação prévia à *Verneinung*” (p.25). No texto freudiano, a negativa [Verneinung] advém dessa expulsão [Ausstossung] primordial que, por sua vez, opera a partir da afirmação [Bejahung]. A ideia de sucessão da *Verneinung* em relação à *Ausstossung* é explícita, o que aponta para a anterioridade do movimento de expulsão nos tempos da constituição do sujeito em relação à inscrição do símbolo da negativa veiculado pelo não das construções gramaticais. O que é julgado como estranho ao Eu, aquilo que é expulso configurando o não-Eu só pode sê-lo segundo a afirmação daquilo que pertence ao Eu. A partir de Freud, Rabinovitch (2001) aponta que a *Verneinung*, ao supor

“(...) a existência daquilo que ela nega (...), efetua, ao mesmo tempo, uma outra operação: separar as representações [Vorstellungen] e a coisa [das Ding]; o percebido [Ding] é, ou não, admitido dentro do Ich; aquilo que, do percebido for admitido (atribuído), se tornará um representado, enquanto aquilo que ficar fora do Ich por ter sido excluído, continuará sendo da ordem da coisa.” (RABINOVITCH, 2001, p.36)

A esse propósito, introduzindo o pensamento lacaniano que será percorrido a seguir, temos, de forma absolutamente clara, a formulação acerca do que a negativa opera em relação à instauração da representação a partir do que se

depreende como perda irreversível. Ao se deter no que a *Verneinung* nos orienta, Lacan afirma que, segundo Freud,

“trata-se do modo privilegiado de conotação do nível do discurso daquilo que, no inconsciente, é *verdrängt*, recalcado. O *Verneinen* — o modo paradoxal pelo qual se situa, no discurso pronunciado, no discurso do *Bewusstwerden*, o que está escondido, *verborgen*, no inconsciente, o modo sob o qual se confessa o que, para o sujeito, se encontra ao mesmo tempo presentificado e renegado.” (LACAN, 1988/1959-60, p.83)

Assim, a própria instauração da função representativa decorre da *experiência de satisfação* advinda, por sua vez, dessa diferenciação primordial que o encontro com o objeto implica. O paradoxo da presentificação do objeto perdido, por meio da representação, é aqui antecedido por outro: o paradoxo de uma instância primitiva do Eu que julga ao mesmo tempo em que se constitui a partir da atividade judicativa. O texto de Freud permite o apontamento de que *Ausstossung* e *Bejahung* são, portanto, os dois lados de uma mesma operação inaugural, não sendo possível definir a anterioridade de um sobre o outro.

Se Freud (1925) aponta ora para a precedência do Eu em relação à negação consequente à *Ausstossung/Bejahung*, ora para sua constituição a partir de tais operações e da definição radical de um dentro e um fora, recorremos ao pensamento lacaniano para interrogar a topologia do sujeito do inconsciente, assim como considerar a relação entre a *Verneinung* de Freud e a constituição subjetiva a partir da unicidade do traço.

Antes mesmo das elaborações sobre o traço unário, contudo, são notáveis as referências de Lacan a alguns dos textos metapsicológicos acima citados em seu percurso de construção do seminário sobre *A ética da psicanálise* (1959-60). Na primeira parte de seu discurso neste seminário, ele trata de explicitar o que está em causa na primeira construção de Freud de um aparelho psíquico — a do *Projeto* — cujos *princípio de prazer* e *princípio de realidade* articulam percepção e pensamento de forma a sustentar o enunciado lacaniano acerca de um *sujeito que se representa entre significantes na medida em que tem o inconsciente estruturado como linguagem*. Articulando-o ao que Freud nos diz em relação à função reveladora do enunciado negativo, tal como explicitamos no início dessa seção, Lacan nos esclarece que “no nível da objetivação, ou do objeto, o conhecido e o desconhecido opõem-se. É porque o que é conhecido não pode ser conhecido senão em palavras, que o que é desconhecido apresenta-se como tendo uma estrutura de linguagem” (LACAN, 1988/1959-60, p.47).

### A VERWERFUNG IMPLICADA NA VERNEINUNG: O CARÁTER CONSTITUTIVO DE UMA EXCLUSÃO PRIMORDIAL

Entre os anos 1953 e 1954, Lacan aborda a questão da negação em um dos colóquios do seminário realizado no hospital Sainte-Anne a respeito dos *Escritos técnicos de Freud*. A propósito do estudo das resistências, Lacan delega a Jean Hyppolite a função de comentar o texto sobre *Die Verneinung* (1925). O discurso de Hyppolite (1998/1954), encontrado nos *Escritos de Lacan* (1998/1966), faz uma análise minuciosa do texto freudiano e fornece uma compreensão clara acerca das questões abordadas em relação à função da negação na análise, bem como do que concerne à constituição psíquica a partir das operações primordiais de *Bejahung/Ausstossung*. Em resposta ao comentário de Hyppolite sobre a *Verneinung*, Lacan (1998/1954) recorre à teoria freudiana sobre a diferenciação primordial entre o Eu e o não-Eu para sustentar o debate a respeito da instauração da primeira delimitação entre os registros simbólico, real e imaginário decorrente das operações inaugurais de constituição do sujeito.

O recurso à *Verneinung* de Freud parte da análise do caso do *Homem dos Lobos* (1918), feito no primeiro ano de seu seminário (1951-52). Do caso, Lacan extrai a célebre formulação freudiana de que, da castração, aquele sujeito “nada queria saber no sentido do recalque” (FREUD, 1918, apud LACAN, 1998/1954, p.388). E para demarcar a diferença entre a negação presente na *Verdrängung* e a negação efetuada pelo *Homem dos Lobos* em relação à castração, Freud utiliza o termo *Verwerfung*, ao qual Lacan propôs, naquele momento, o termo ‘supressão’ (LACAN, 1998/1954). Trata-se de retornar a Freud a partir de uma leitura rigorosa que permita o estudo preciso do texto e da terminologia alemã utilizada. Seguindo as linhas de Freud, Lacan afirma o efeito de “abolição simbólica” (idem, p.388) decorrente da *Verwerfung*. Freud, por sua vez, é taxativo: “Um recalque é algo diferente de um juízo que rejeita e escolhe” (FREUD, 1918, apud LACAN, 1998/1954, p.389).

Partindo do comentário de Hyppolite, Lacan situa a *Verwerfung* na dialética da *Verneinung* freudiana como juízo fundamentalmente oposto à *Bejahung* primária e do qual se constitui aquilo que é expulso. Empenhado na formulação dos efeitos da *Verwerfung* para a estruturação da psicose, Lacan fundamenta sua exposição recorrendo à teoria freudiana das origens do psiquismo. A *Verwerfung*, inserida na dialética da *Verneinung* e situada em oposição à *Bejahung*, fornece ao discurso lacaniano o recurso à delimitação primordial entre os registros simbólico e real em um tempo mítico da constituição do sujeito.

“A *Verwerfung*, portanto, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isto é, da *Bejahung* que Freud enuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraiza, e que não é outra coisa senão a condição primordial para que,



do real, alguma coisa venha a se oferecer à revelação do ser, ou, para empregar a linguagem de Heidegger, seja deixado-ser.” (LACAN, 1998/1954, p.389)

A *Verwerfung* parece assumir, nesse ponto do ensino de Lacan, definição correspondente àquela fornecida por Freud pelo uso do termo *Ausstossung* em seu artigo sobre a *Verneinung*. É definida como o verso da *Bejahung*, isso que participa da primeira diferenciação entre dentro e fora. No mesmo sentido, Lacan dá continuidade à sua abordagem da *Verwerfung* em seu seminário sobre *As psicoses* (1955-56), situando-a como operação de rejeição de algo primordial quanto ao ser do sujeito. Fazendo com que equivalha a uma não-*Bejahung*, Lacan demarca o essencial da *Verwerfung* como a não simbolização de um *significante primordial*, introduzindo, assim, a categoria do real fora do registro do símbolo e, portanto, como irredutível à estruturação *significante*.

“Ao nível da *Bejahung* pura, primitiva, que pode realizar-se ou não, estabelece-se uma primeira dicotomia — o que teria sido submetido à *Bejahung*, à simbolização primitiva, terá diversos destinos, o que cai sob o golpe da *Verwerfung* primitiva terá outro. (...) Há, portanto, na origem, *Bejahung*, isto é, afirmação do que é, ou *Verwerfung*.” (LACAN, 2002/1955-56).

O aparelho psíquico suposto por Lacan implica, portanto, a operação *judicativa* em relação a um *significante primordial*. No artigo em que reúne o conteúdo das exposições dos primeiros meses do seminário sobre *As psicoses* (1966/ 1998), afirma ser “ao *significante* que se refere a *Bejahung* primordial” e aponta a Carta 52 (1896) como exemplar do destaque dado por Freud a este “termo de uma percepção original, sob o nome de signo, *Zeichen*” (LACAN, 1998/1966, p.564). Nesse ponto, a *Verwerfung* parece distinguir-se, ainda que sutilmente, da *Ausstossung*. Se a primeira, como não-*Bejahung*, constitui a rejeição de um *significante primordial*, pode-se pensar que concerne a um tempo posterior à separação primitiva entre o que é da ordem do Outro e da Coisa, isto é, do simbólico e do real. É algo do simbólico que a *Verwerfung* rejeita, e o pensamento lacaniano prossegue deixando mais claro que a “*Ausstossung* se refere ao real e que a *Verwerfung* se refere a um fragmento da bateria *significante* introduzida no sujeito pela *Bejahung*” (RABINOVITCH, 2001, p.30).

É pelo estudo das *Psicoses*, portanto, que Lacan convoca o pensamento de seus ouvintes à consideração do paradoxo da *presentificação da ausência* que perpassa a obra freudiana. Assim como percorremos os textos de Freud que apontam para os efeitos constitutivos da perda do objeto primordial, Lacan considera, a partir de suas elaborações sobre a *Verwerfung*, acerca dos destinos disso que é expulso da operação *judicativa* primitiva. Isso que é suprimido de sua *Bejahung*, “constitui,

diz-nos Freud, aquilo que não existe propriamente, e é como tal que ek-siste, pois nada existe senão sobre um suposto fundo de ausência. Nada existe senão na medida em que não existe" (LACAN, 1998/1954, p.394).

Já em seu *Seminário da Identificação* (1961-62), a questão da negação é orientada pela filosofia das proposições aristotélicas e em relação aos tempos da constituição do sujeito demarcados pela privação, pela frustração e pela castração. Os efeitos dos apagamentos constitutivos do psiquismo são abordados a partir da rasura promovida pelo traço unário na constituição do que Lacan entende como a identificação simbólica.

### O APAGAMENTO COMO RASURA:

#### A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO COMO -1

Ao propor a abordagem da identificação simbólica, Lacan prossegue com a exposição de suas lições introduzindo gradativamente a questão da negação. Ainda que enunciada de diferentes formas e passível de ser encontrada ao longo de diferentes momentos de seu discurso, sua questão é a de saber da origem do inconsciente a partir da noção de um significante primordial que sustente os tempos da constituição do sujeito. Assim, Lacan retoma a topologia do aparelho psíquico freudiano presente no livro *Interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900) para indicar as primeiras noções de fronteira com que Freud trabalha em sua suposição dos sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente. Ao interrogar o que está em jogo na passagem de alguma coisa de um sistema para o outro, Freud problematizara o estatuto desta passagem: trata-se de uma mudança de investimento ou de uma dupla inscrição? O interesse de Lacan é indicar que há, de forma clara, a necessária divisão entre dentro e fora na topologia do aparelho psíquico forjada por Freud.

Assim, Lacan aponta que o sujeito do inconsciente é constituído segundo a noção de fronteira. Há os pensamentos — as representações — que se exprimem pela fala, articulam-se como uma linguagem acessível à comunicação e compõem os sistemas pré-consciente/consciente. Há, por sua vez, os pensamentos restritos ao sistema inconsciente, representações articuladas como uma linguagem, mas não acessíveis, no entanto. Dessa forma, esses pensamentos estariam situados num dentro apartado do fora. Ao considerar a topologia freudiana, Lacan interroga se as fronteiras entre os sistemas são tão nítidas. "O que importa é ver que a linguagem articulada do discurso comum, em relação ao sujeito do inconsciente, enquanto ele nos interessa, está do lado de fora. Um lado de fora que reúne em si o que chamamos de nossos pensamentos íntimos (...)" (LACAN, 1961-62, inédito, lição de 10/01/1962, grifo nosso). A ideia de reunião entre o fora e o dentro importa à topologia proposta ao longo do presente seminário a partir

do toro e da fita *moebiana*: “O problema do que se passa quando o inconsciente chega a se fazer ouvir ali é o problema do limite entre esse inconsciente e o pré-consciente” (idem, *ibidem*). Assim, a negação, como abordada por Freud, surge por sua função de interrogação desse mesmo limite. Mais ainda, a questão da negação se introduz a partir do problema da própria existência do ser, bem como da constituição do sujeito que aqui nos interessa, este que se representa entre significantes. Lacan interroga o que a negação supõe dando indicações do caminho que seguirá no percurso engendrado pela questão: “Ela supõe a afirmação sobre a qual se apoia? Sem dúvida. Mas será que tal afirmação será, apenas, a afirmação de alguma coisa do real que estaria simplesmente suprimida?” (LACAN, 1961-62, inédito, lição de 17/01/1962).

Lacan parte das construções gramaticais para retomar os efeitos do *não* presente na frase a partir do que Freud nos indica: a negação possibilita a admissão intelectual de determinada representação inconsciente na consciência. A observação das partículas componentes da negação na língua francesa — o *ne* discordancial e o *pas* exclusivo, assim analisados por Pichon<sup>2</sup> — permite a Lacan abordar essa dissonância que a negativa exprime, essa distinção entre o *sujeito da enunciação* e o *sujeito do enunciado*. Distanciando-se da defesa de Pichon, no entanto, Lacan aponta para o que está para além das significações atribuídas pelo psicanalista às partículas negativas considerando as posições em que *ne* e *pas* se encontram na frase. Assim, aponta como às partículas negativas pode ser restituído o valor positivo, de modo a indicar que as cargas negativa e positiva dos termos acabam se cruzando, de alguma forma, de acordo com a maneira como a estrutura frasal se constrói. A partícula *pas*, portanto, para além de conotar “o puro e simples fato da privação”, é vista, segundo a análise lacaniana, como “alguma coisa que, longe de ser, em sua origem, a conotação de um buraco, da ausência, exprime ao contrário a redução, o desaparecimento talvez, mas não acabado, deixando atrás dele as marcas do menor traço, o mais evanescente” (idem, *ibidem*). Trata-se aí, desse modo, da ausência que pressupõe a presença; do apagamento que implica a permanência da marca deixada pelo traço, como rasura. Trata-se da negação que supõe a afirmação na qual se apoia, portanto, e considerando a interrogação de Lacan citada acima, afirmação de alguma coisa do real que não está simplesmente suprimida, mas, ao contrário, concerne fundamentalmente ao ser na medida em que é eternizada como traço.

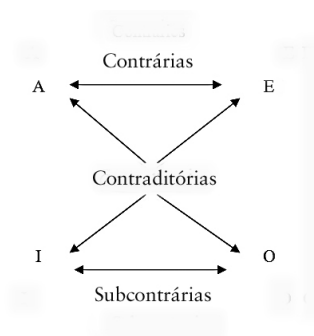
<sup>2</sup> Segundo Milner (2010), Édouard Pichon (1890-1940), membro fundador da Sociedade Psicanalítica de Paris, desempenhou um papel importante na psicanálise de língua francesa. Entende-se que o trabalho ao qual Lacan se referiu, neste *Seminário*, a propósito da abordagem da negação seja: J. DAMOURRETTE et E. PICHON (1928) *Sur la signification psychologique de la négation en français*, *Journal de psychologie pathologique*. Paris: Félix Alcan.

Nesse aspecto, Lacan propõe o estudo das proposições lógicas aristotélicas para apresentar um quadro geral das várias formas da negação a partir do que a experiência psicanalítica — e também filosófica — aborda: a questão da privação, da frustração e da castração. Seu percurso parte fundamentalmente do texto freudiano e visa a responder “à questão que liga, justamente, a definição do sujeito como tal àquela da ordem de afirmação ou de negação na qual ele entra na operação dessa divisão proposicional” (idem, *ibidem*). O sistema formal de proposições, do modo como classificado por Aristóteles pelas categorias da afirmativa e da negativa, tanto universais quanto particulares, é apresentado por Lacan segundo os quadrantes A E I O. A proposição *Homo mendax* é tomada para ilustrar seu pensamento, construindo o seguinte quadro:<sup>3</sup>

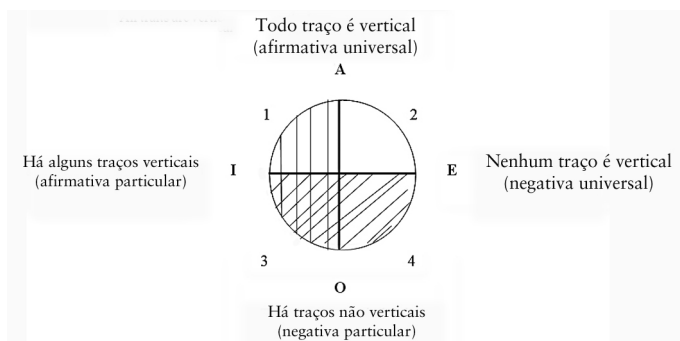
A	E
Omnis homo mendax	Omnis homo non mendax
Nullus homo non mendax	Nullus homo mendax
Aliquis homo mendax	Aliquis homo non mendax
Non omnis homo non mendax	Non omnis homo mendax
I	O

É preciso notar que, assim organizadas, as proposições ocupam posições chamadas *contrárias* e *subcontrárias*. Isto é, no caso das *contrárias*, na linha das proposições universais — A-E —, não é possível que sejam verdadeiras ao mesmo tempo: a afirmação de que “Todo homem é mentiroso” [A] exclui a veracidade da afirmação de que “Todo homem não mente” [E]. Em relação às *subcontrárias*, na linha das proposições particulares — I-O —, por sua vez, as proposições afirmativas ou negativas não se excluem reciprocamente, sendo possível tomá-las como verdadeiras ao mesmo tempo. Que “Alguns homens mintam” [I] não exclui a veracidade de que “Alguns homens não mentem” [O]. Do mesmo modo, que “Nem todo homem não mente” [I] não contradiz a negativa particular de que “nem todo homem mente” [O]. Há ainda a relação entre as *contraditórias*, a oposição diagonal entre as proposições que determina que, sendo a universal A verdadeira, por exemplo, esta exclui a veracidade de sua oposta, a particular O; sendo falsa a particular I, por sua vez, esta exclui a falsidade da que se opõe, a universal E. As relações que se estabelecem entre as proposições, da forma como Aristóteles as organiza, ilustram-se, portanto, segundo a figura:

<sup>3</sup> Cf. Lacan, J. (1961-62) *Le Seminaire: L'Identification*, inédito, lição 17/1/1962.



A partir da organização clássica das proposições afirmativa e negativa, universais e particulares, Lacan recorre a um ordenamento diverso de tais proposições, sugerindo o modelo de Sir Charles Sanders Peirce<sup>4</sup> para indicar novas relações para além das consideradas por Aristóteles. O quadrante de Peirce é cuidadosamente grafado com *traços* que variam de acordo com o atributo da verticalidade.



O *traço*, diz-nos Lacan, preenche a função do sujeito, e a função *vertical* assume lugar de atributo, suporte. Assim, a afirmativa universal “Todo traço é vertical” é ilustrada pelo quadrante 1. Diferentemente da organização clássica das proposições, tal afirmativa não somente não é contradita pelo quadrante 2, mas por ele é confirmada. “Se digo *todo traço é vertical* isso quer dizer que, quando não há verticais, não há traço” (idem, ibidem). Não há contradição, portanto, uma vez que “não há nenhum traço que não seja vertical nesse setor do quadrante. Eis, portanto, ilustrada pelos dois primeiros setores a afirmativa universal.” (idem, ibidem). Para tornar sua exposição clara, Lacan discorre sobre as funções negativa e afirmativa, universal e particular de cada quadrante. A negativa universal

<sup>4</sup> De acordo com Salatiel (2010, 2011), Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi um filósofo norte-americano, mais conhecido como fundador do pragmatismo clássico e da moderna teoria dos signos (a semiótica). Durante sua carreira de cientista, Peirce elaborou trabalhos inovadores em lógica e filosofia.

ilustra-se pelos quadrantes 2 e 4 segundo a formulação de que “Nenhum traço é vertical”. Mais uma vez, o modelo de Peirce diferencia-se da doutrina clássica na medida em que permite que o quadrante 2 compartilhe tanto a afirmativa, quanto a negativa universal. As formulações particulares são ilustradas pelos quadrantes 3 e 4 — “Há traços não verticais” — e 1 e 3 — “Há alguns traços verticais”.

O que importa destacar, aqui, é a função de confirmação das fórmulas universais que o quadrante vazio [2] assume. Dessa forma, a afirmação universal é suportada pela negação universal na medida em que o setor vazio é a expressão máxima da verdade do atributo de verticalidade do traço. Como apontamos acima, o quadrante 2 se exprime pela fórmula “Não há nenhum traço que não seja vertical” — negativa que sustenta a possibilidade dos quadrantes 1 e 4. Lacan define, portanto, “a casa negativa [2] como correlativa essencial da definição de universalidade (...)” (idem, *ibidem*). Tal recurso à lógica serve à exposição de Lacan na medida em que indica que a identificação ao traço unário, tal como nos é apresentada como identificação primordial, implica o apagamento, o vazio do qual partirá o sujeito. E, através do quadrante de Peirce, é possível articular a constituição do sujeito com a negação e esta, por sua vez, com a privação: “(...) a negação nunca é linguisticamente um zero, mas um *não um*. (...) E toda a história da negação é a história desta consumação por alguma coisa que está onde? É justamente o que tentamos cercar: a função do sujeito como tal” (LACAN, 1961-62, inédito, lição de 21/02/1962).

O *não um* confere à casa vazia a notação -1. Daí o esforço lacaniano em indicar que a marca conferida pelo traço unário é essencialmente a marca de uma distintividade — *Einzigkeit* — e não de uma unificação — *Einheit*. A distintividade define a função signifiante do traço na medida em que é a própria essência da possibilidade. É o vazio, a ausência que suporta qualquer existência. O sujeito advém, portanto, dessa privação primeira à que se articula a perda primordial do objeto de que nos fala Freud.

“o possível de que se trata aqui não é nada senão o possível do sujeito. Só o sujeito pode ser esse real negatizado por um possível que não é real [mas, sim, simbólico]. O -1, constitutivo do *ens privativum*, nós o vemos assim ligado à estrutura a mais primitiva de nossa experiência do inconsciente, na medida em que ela é aquela, não do interdito, nem do dito que não, mas do não-dito, do ponto onde o sujeito não está mais para dizer se ele não é mais mestre dessa identificação ao 1, ou dessa ausência repentina do 1, que poderia marcá-lo. Aqui se encontra sua força e sua raiz.” (idem, *ibidem*)

É pela lógica que Lacan aponta, portanto, as relações entre a negação e a constituição do sujeito pelo traço unário. A visada lacaniana, que permite a

articulação entre o *Seminário da Identificação* e os diferentes tempos de seu ensino, bem como da obra freudiana, apresenta aos ouvintes que o seguem o percurso do pensamento que parte das identificações, transita pelas implicações da perda primordial do objeto e leva à noção do sujeito constituído como negativizado, -1. Naquele ano de 1962, ao tratar da privação, da frustração e da castração como as faltas constitutivas do sujeito, Lacan retoma o termo pelo qual abordou a ideia de uma exclusão primitiva como instauradora desse vazio de onde parte o sujeito:

“E alguns se preocupam que eu não dê lugar à *Verwerfung*. Ela está lá, antes, mas é impossível partir dela de uma maneira dedutível. Dizer que o sujeito constitui-se primeiramente como -1 é algo onde vocês podem ver efetivamente, como era de se esperar, é como *verworfen* que nós o vamos encontrar.” (LACAN, 1961-62, inédito, lição de 07/03/1962)

O traço unário articula-se a essa *Verwerfung* constitutiva, demarcando, nesse tempo do estudo lacaniano, aquilo que é da ordem da instauração do registro simbólico organizado pelo encadeamento significante. Aqui, entende-se a *Ausschlussung* como implicada na *Verwerfung* e remontando a algo do real. E é a partir dessa suposição de uma divisão primitiva entre o real e o simbólico, em contraposição a um dentro e um fora proposto por Freud, que Lacan recorrerá à topologia para dizer de uma continuidade entre as instâncias constitutivas do sujeito marcado pelo traço que o funda simbolicamente e fornece o ensejo à amarração entre aquilo que se organiza como imaginário e aquilo que o mobiliza sem se escrever, isto é, sem se inserir na lógica das representações [*Vorstellungen*], o real.

Introduzir o estudo das figuras topológicas permite a Lacan dar uma primeira forma ao pensamento que irá modular a noção de objeto *a*. O traço unário, como marca da alteridade no corpo, implica a relação do ser neonato com o Outro, relação da qual o desejo se funda, para além de um laço especular. São muitas as implicações da formulação da noção de objeto *a* para a continuidade da teoria. A ideia de que algo se depreende como resto das operações primordiais de identificação simbólica indica suas relações com o que Freud, e posteriormente o próprio Lacan, elaborou em torno de *das Ding* e vai além, no que diz respeito à precisão das articulações nodais entre os registros R S I. A continuidade desse percurso não será realizada no presente artigo. Nosso intento consistiu em apontar como o *não um* do traço unário demarca a função da ausência que suporta qualquer existência. Assim, as elaborações presentes no *Seminário da Identificação* nos autorizam a considerar que o sujeito advém, portanto, dessa privação primeira à que se articula a perda primordial do objeto de que nos fala Freud desde o *Projeto* (1895). Assim, o paradoxo da presentificação da ausência enseja as formulações lacanianas acerca da constitutividade da falta. A noção de traço unário implica a

consideração de uma operação de apagamento por seu efeito de rasura, não de desaparecimento. Definir o sujeito da psicanálise como representado entre significantes implica, portanto, o estudo da noção de perda como rasura. O sujeito representado entre significantes é afirmado por Lacan como a própria “introdução de uma perda na realidade” (LACAN, 1966/1976, p.205); a função do traço unário é demarcar o lugar da alteridade na inscrição dessa perda como representação, como algo passível de se tornar localizável no campo do Outro.

Recebido em 7/3/2013. Aprovado em 29/7/2013.

## REFERÊNCIAS

- DAMOURRETTE, J. et PICHON, E. (1928) Sur la signification psychologique de la négation en français, *Journal de psychologie pathologique*. Paris: Félix Alcan.
- FREUD, S. (2007) *Obras completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu.
- (1895) “Proyecto de uma psicologia”, v.I, p.323-446.
- (1896) “Carta 52”, v.I, p.274-280.
- (1900) “La interpretación de los sueños”, v.IV e V, p.17-611
- (1918) “De la historia de una neurosis infantil”, v.XVII, p.2-112
- (1921) “Psicología de las masas y análisis del yo”, v.XVIII, p.63-136
- (1930) “El malestar en la cultura”, v.XXI, p.57-140
- \_\_\_\_\_. (2004) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.
- (1911) “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”, v.I, p.63-77.
- (1914) “À guisa de introdução ao narcisismo”, v.I, p.95-131.
- (1915) “Pulsões e destinos da pulsão”, v.I, p.133-173.
- \_\_\_\_\_. (2007) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.
- (1925) “A negativa”, v.III, p.145-157.
- HYPPOLITE, J. (1954/1998) “Comentário falado sobre a Verneinung de Freud”, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1961-62) *Le Seminaire: L'Identification*, inédito.
- \_\_\_\_\_. (1976) “Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade e um sujeito qualquer”, in MACKSEY, R. e DONATO, E. (Orgs.). *A controvérsia estruturalista*. São Paulo: Cultrix.
- \_\_\_\_\_. (1986/1953-54) *O Seminário, livro 1, Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- \_\_\_\_\_. (1988/1959-60) *O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- \_\_\_\_\_. (1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.



- (1954) "Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud", p.383-401.
- (1966) "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", p.537-590.
- \_\_\_\_\_. (1955-1956/2002) *O Seminário*, livro 3, *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- MILNER, J. C. (2010) Linguística e psicanálise. *Revista Estudos Lacanianos*, v.III, n. 4, Belo Horizonte. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 05/02/2012.
- RABINOVITCH, S. (2001) *A forclusão: presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- SALATIEL, J. R. (2010) Peirce, Charles Sanders: Leis da natureza. *Trilhas Filosóficas — Revista Acadêmica de Filosofia*, v.III, n. 2, Caicó. Disponível em: [http://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N\\_06/III\\_2\\_trad\\_Salatiel.pdf](http://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N_06/III_2_trad_Salatiel.pdf). Acesso em 05/02/2012.
- \_\_\_\_\_. (2011) Aspectos filosóficos da lógica trivalente de Peirce. *Revista Kínesis*, v.III, n.5. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/JoseRenatoSalatiel.pdf>. Acesso em 05/02/2012.

Débora Maria Gomes Silveira  
debinhagomes@hotmail.com

Ângela Maria Resende Vorcara  
angelavorcaro@uol.com.br